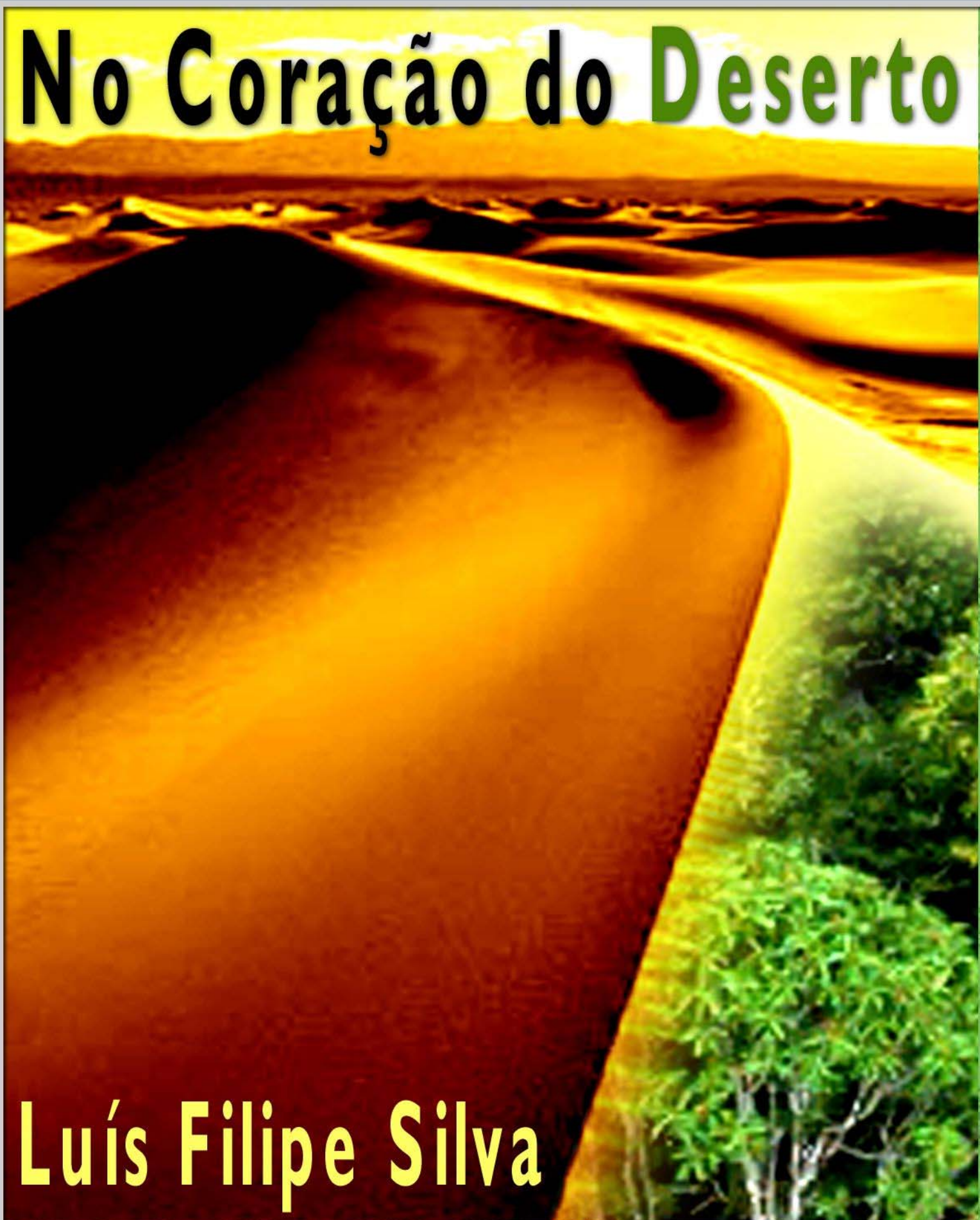


e-nigma

No Coração do **Deserto**

Luís Filipe Silva



Título: No Coração do Deserto

Autor: Luís Filipe Silva

Capa: Gabriel Bozano / Jorge Candeias

Revisão: Miguel Pinto

Publicado originalmente em: Somnium nº 62 (1995) — CLFC
(Brasil)

Outras publicações: E-nigma Light (2001)

Os e-books editados pelo E-nigma são publicados por acordo com os seus autores e o *copyright* permanece na posse do autor. A reprodução destes e-books é livre se e só se o texto se mantiver inalterado e sob a forma original deste PDF, e na medida em que não haja aproveitamento comercial. A cópia, aluguer ou qualquer outra transacção destas publicações a troco de dinheiro está expressamente proibida.

Editor: E-nigma (www.ficcao.online.pt/E-nigma) / Jorge Candeias

Edição nº: NE-1/2005

Ajude o E-nigma a oferecer-lhe cada vez mais e melhor literatura fantástica. Veja como em
www.ficcao.online.pt/E-nigma

Os europeus tinham emudecido quando passámos pelos poços de petróleo abandonados. A visão das gigantescas estruturas de metal, que derretiam numa morte lenta sob o sol do meio-dia, era impressionante, e os europeus haviam contemplado durante os primeiros instantes os dinossauros de ferrugem, transfigurados, para em seguida, como se por assentimento colectivo, desviarem a vista e contemplarem, absortamente, pontos vagos no horizonte, de olhos escondidos por detrás dos óculos escuros. Não tinham voltado a falar, embora estivéssemos já muito longe de Hassi Massaoud. Eu próprio também não forcei a conversa. Queria que o peso daquele testemunho da carência do meu país, que um dia havia sido uma fonte de riqueza e poder, impregnasse os seus espíritos, e sentissem que nem eles, os representantes da maior besta económica mundial, estavam a salvo de um percalço da natureza.

A carrinha avançava diligentemente pela estrada, de retorno ao norte. Em breve, encontraríamos a base militar, onde os europeus tomariam um transporte para a capital. O oleoduto perdera-se já entre as colinas e as dunas, e o motor eléctrico protestava no pavimento velho e coberto de areia, que não era usado há quase uma década. Os europeus encaravam, incomodados, o caminho, deparando com uma paisagem monótona, repetitiva, de brilho intenso e sem pontos de referência definidos. O localizador do carro indicava continuamente as coordenadas geográficas da nossa posição, alimentado por satélite; até certo ponto, era o único factor que assegurava que nos movíamos. Não que eu precisasse da segurança — este era o meu país, conhecia-lhe os truques, os truques do deserto. Se havia perturbação no meu espírito, era por descobrir lagos de areia e troncos de pedras onde, outrora, os meus olhos haviam presenciado o azul de espelho da água, e o verde das folhas das palmeiras.

Os europeus não tinham consciência da mudança. Para eles, só existia o pó

intrusivo, que entrava pelas janelas abertas e se colava às suas camisas brancas e puras como a neve. E o calor. O inimigo invisível, que eles tentavam derrotar com vigorosos abanões dos chapéus azuis das vinte e uma estrelas amarelas, de encontro ao rosto, com resultados persistentemente infrutíferos. Soprava uma brisa suave, mas ela própria era tórrida, abafada, e constrangia, ao invés de aliviar. O francês, que detinha a fisionomia mais encorpada, deitava a cabeça para trás, expondo a garganta barbeada, por onde corriam grossas lágrimas de suor, como um rio impressionante cuja foz era a camisa. Desviei os olhos, reprimindo um sorriso. Estes eram os pretensos líderes da economia, o bastião da cultura actual; mas até eles se vergavam perante o deserto.

O calor aumentava, e nós aproximávamo-nos do destino — não o da base militar, mas outro. Encarei descontraidamente o localizador do painel, aguardando que nele surgisse o valor que me fora indicado; quando o vi surgir, olhei de soslaio para o espelho retrovisor. As pupilas cor de azeitona do condutor aguardavam-me ansiosamente. Desviei os olhos, antes que os europeus percebessem.

O veículo tossiu e abrandou, dando solavancos. Alguns dos europeus protestaram audivelmente, perdendo por instantes a postura diplomática. O motorista tentou avançar, mas o carro estremeceu de novo, acabando por se deter junto a uma duna.

Inclinei-me para a frente e coloquei uma pergunta ao motorista. Os europeus escutaram, preocupados, a nossa troca de palavras.

— Meus senhores — disse, voltando-me para eles —, lamento informar que o veículo se encontra inoperacional. Teremos de contactar com a base e pedir auxílio. Peço desculpas por este incidente, mas são coisas que acontecem. Foi-nos dado um veículo aparentemente defeituoso.

O inglês olhou, irritado, pela janela, reprimindo visivelmente um comentário mordaz. Os outros soltaram murmúrios de insatisfação. Apenas o eslavo se preocupou em perguntar quanto tempo demoraria a ajuda.

— Se enviarem prontamente um helicóptero, diria que cerca de meia hora — respondi.

— Faça o favor de dizer ao motorista que os contacte imediatamente pelo rádio

— ripostou o francês. — Espero que esse não esteja também avariado.

Deixei que a minha ausência de reacção ao comentário servisse de reprimenda e voltei a dirigir-me ao motorista. O europeu pareceu acalmar-se.

— Estamos com sorte — indiquei aos diplomatas, enquanto o motorista seguia as minhas ordens. — Fui informado de que estamos próximos de uma aldeia berbere. Poderemos descansar e refrescar-nos, enquanto esperamos.

Era a melhor notícia que aqueles ouvidos poderiam escutar. Com redobrado ânimo, saíram da carrinha, percebendo, só então, que a aldeia ainda distava, e que teriam de percorrer a estrada a pé. Debaixo do sol.

Avançámos, lentamente. Notei o modo acelerado como eles perdiam a água do corpo, que, ao surgir à pele, se evaporava imediatamente. Não era de admirar que se sentissem exaustos, não estavam minimamente preparados para o deserto. Decidi apressar-me, antes que acontecesse algo de grave.

Fui conversando com eles enquanto prosseguíamos. Era uma das situações de choque cultural que, a princípio, me havia perturbado. O que para um compatriota era uma grave falta de educação, e porventura um insulto, para os ocidentais era um fenómeno perfeitamente normal; ali estávamos, conversando durante a caminhada, sem olharmos fixa e profundamente nos olhos uns dos outros, travando a conversa das palavras que em nada se relaciona com a conversa das almas, mais verdadeira. Como é possível que eles confiem uns nos outros, que possam fazer negócios, se desconhecem o que vai no espírito do adversário?

Uma vida na diplomacia tinha embotado a minha sensibilidade. Conteí, com todo o à-vontade, que aquele era um acampamento de tuaregues, vindos dos montes Ahggar, tendo abandonado as suas hortas de regadio, e sido obrigados a mudar de vida e de terras por um clima impiedoso que lhes recusava a água. Já não eram nómadas — há muito que as caravanas haviam cessado as travessias do deserto; era impossível que pessoas ou animais sobrevivessem às temperaturas violentas do coração do Sara. E a culpa era dos ocidentais, embora não lhes dissesse isso. Tinham sido eles a lançar as toneladas de dióxido de carbono, ano após ano, na atmosfera, com as suas indústrias de luxo, e os múltiplos carros por habitante, e todo o desperdício arrogante e exagerado pelo qual já tinham começado a pagar. Mas não

eram os únicos, pensei, o mundo inteiro pagava pelos erros deles.

Chegámos à vista da aldeia. Tendas de pano fixadas por estacas, cabanas de madeira e pedras, dispunham-se pouco imaginativamente na sombra de um dos últimos oásis que subsistiam naquela latitude. As palmeiras eram escassas, e as folhas, embora frondosas, apresentavam um aspecto amarelecido, nada promissor. A norte, encontrava-se uma plantação antiga, de tâmaras, cereais e hortaliças, a qual era cuidada por alguns dos habitantes; essas culturas estavam condenadas, quando o oásis acabasse por definhar. Para sul, situava-se o futuro.

— Tomates e melões — indiquei aos europeus, assim que havíamos amansado a sede, e descansávamos na sombra de uma palmeira. Notara a relutância que os diplomatas haviam mostrado, quando as gentes macilentas e enfraquecidas lhes ofertaram o que era evidente tratar-se de uma porção substancial das suas reservas de água. Tinham ficado tocados com o gesto, e sentiam-se levemente culpados, como pude observar pelo modo dedicado como beberam a oferenda, não deixando cair uma única gota, não aproveitando um resto de humidade sequer para limpar o pó que lhes cobria os rostos. Desviei a vista; há momentos em que é duro ser-se diplomata. — Vegetais bio-modificados para aproveitarem toda a humidade do deserto. Estamos a pensar irrigar as planícies com água salgada do mediterrâneo, utilizando os oleodutos fora-de-uso.

— Regar vegetais com água salgada? Isso é prático?

— Ao contrário do que se esperaria, o esforço que o sal impõe sobre as culturas, obriga-as a uma melhor concentração dos seus recursos. Como exemplo, temos os melões, que, embora resultem mais pequenos, são mais doces, mais apetitosos.

Assentiram com a cabeça, impressionados.

— O nosso plano era a irrigação de uma vasta área, aproveitando ao máximo quer o terreno quer a mão-de-obra dos tuaregues. Podem imaginar — varri o cenário com o braço — o deserto transformado numa horta imensa, dando fruto onde outrora apenas existira aridez?

— Kel Tamashek — murmurou o sérvio.

— Perdão? — perguntei. Os colegas também o tinham ouvido.

O sérvio olhou espantado para nós.

— Desculpem, estava a pensar alto. — E perante os olhares curiosos, viu-se obrigado a explicar, no seu francês sofrido. — Kel Tamashek é a designação que os nómadas dão a si próprios. Tuaregues é um termo árabe, não propriamente... elogioso. — Encarou-me com um ar culpado.

Continuei, descontraidamente.

— O projecto ambicioso do governo serviria para dar trabalho a estas povoações, que o deserto empurra para norte a cada ano que passa. Relançar-se-ia a agricultura, num regresso à competitividade argelina no mercado mundial. — Encarei os europeus. — Naturalmente, estamos receptivos a quem queira estabelecer uma exclusividade de distribuição.

Não se pronunciaram, como era de esperar, pois uma palavra sua poderia ser entendida como um comprometimento oficial; no entanto, a semente estava plantada, e eles retornariam ao Parlamento com os frutos dessa semente, que talvez ficassem maduros durante a discussão dos apoios externos. Os europeus tinham de aproveitar todas as hipóteses de intervenção que lhes surgiam. Depois de o leste ter sido conquistado pelos americanos e japoneses, e os países latinos da América se terem constituído num bloco hermético e convicto, restava apenas África como mercado inexplorado — África, a tradicional terra dos interesses ocidentais. África, com os seus povos moribundos, com a sua ecologia em extinção, com a sua continuada falta de sistemas educativos, ansiava pelos estrangeiros, pelos novos invasores. Porque, se nos países do antigo pacto de Varsóvia, a penetração económica havia sido relativamente fácil, no continente negro e tórrido havia que educar a população, aumentar-lhe o nível de vida, criar o que se chamava de «condições de mercado». Apenas desse modo, poderia a Europa esperar que o povo comprasse as suas televisões, os seus terminais para a Rede informática, os seus métodos de maquilhagem genética e rejuvenescimento do corpo. Mas esse investimento seria dispendioso, e demorado.

Era chegado o momento de me levantar e mostrar a aldeia, o povo — para lhes expor a nossa cultura, bem como retirar-lhes da mente a suspeita em crescimento, de que a avaria do carro tinha sido demasiado fortuita. Tentei conversar com o chefe da aldeia, mas encontrava-se doente; enviou-me o filho, que não tinha ainda experiência

e à-vontade para falar com representantes do governo, e se atrapalhava em servilismo e olhares de admiração mal disfarçada. Serviu, no entanto, para nos mostrar a aldeia e contar algumas das funções e das histórias das gentes. Durante a visita, indicou-nos uma construção curiosa: um conjunto de habitações cujos telhados eram forrados por material reflector, que os isolava das altas temperaturas. Num dos blocos, notava-se distintamente o círculo de estrelas gravado.

— Mas aquele é o *Cyrano*! — exclamou o francês. — O satélite que caiu no Sara há três anos.

— Eles encontraram-no no meio das dunas — expliquei. — E o que se encontra no deserto, não tem dono, pertence à terra. Como podem ver, é útil para se protegerem do calor violento. — Interiormente, estava divertido com a expressão do francês, ao contemplar o uso que os nómadas faziam do equipamento de milhões de ecus.

O motorista apareceu, a indicar que o helicóptero não demoraria muito. Os europeus despenderam os últimos momentos a ser assediados pelas crianças magras, mas cheias de energia, que passavam as mãos pelas camisas de algodão sintético, pelas calças, e tocavam naqueles seres estranhos, cuja pele era mais clara, e a estatura mais alta do que elas viriam alguma vez a ser. O sérvio, num repente inesperado, tirou o chapéu e entregou-o a um dos miúdos ansiosos, que prontamente o colocou e nele manteve as mãos, não fosse algum dos amigos ter ideias menos próprias. O sérvio sorriu, e eu sorri com ele, agradado pelo gesto. Não eram más pessoas, pensei. Situávamo-nos apenas em diferentes lados do tabuleiro, num jogo em que não se podia perder.

Quinze minutos depois estávamos já no ar, distantes da terra escaldante que fugia sob nós, passava aceleradamente sem a tocarmos, quase sem a conseguirmos apreciar. A aldeia estava longe. Em frente, a base militar; depois, Argel, e o clima do norte, mais fresco, mais húmido, mais humano.

— É uma terra tão dura — disse o sérvio. Parecia fascinado. — Tão exigente, tão caprichosa. Mas há nela uma honestidade simples e confiável, em que uma pessoa se pode descobrir a si própria; sabendo que será aceite, desde que siga as regras. É como as pessoas a quem a vida trata aos pontapés — lançava-me um olhar

faiscante —; é difícil que se apeguem a algo, que gostem de alguma coisa. Mas quando amam... entregam-se de alma. Esta terra é assim. Oxalá que o projecto do seu governo resulte.

Olhei para baixo, para África, para a terra da aridez e da disputa. Durante milénios, esta terra criara um povo, uma cultura, que sabia fazer uso dos recursos escassos. Poderia África tornar-se na terra da abundância? E nós, os seus habitantes, em que nos tornaríamos?

— *Inchallah* — foi a minha resposta. Se Deus quiser.

O Autor fala sobre a obra

Uma breve resenha de conflitos e diferenças entre a ansiada hegemonia europeia e os nossos vizinhos de além-Mediterrâneo. Parece sofredamente ingénuo, agora (ao escrever isto, passou apenas um mês do derrube do World Trade Center). Surgiu como desculpa para estudar o mundo árabe, que tem tanto de belo como de terrível, e existe mais como estudo do que como produto acabado. Pontos focados: conflito de identidades, conflito de ecologias, conflito de atitudes perante a tecnologia. Há mais ideias para desenvolver esta relação entre mundo ocidental e árabe, mas isso fica para contos próprios.

Luís Filipe Silva, Outubro de 2001